

primeiros passos de “Minho”, nome meu, dá para perceber que estamos em sintonia. O seleiro acertou na montaria. E começa a cavalgada. “Tio” Anastácio dá o mote com as primeiras quadras do seu grande repertório tradicionalista. A par os seus dizeres castiços, haverá duas presenças constantes durante todo o percurso: as araucárias na terra e os urubus no céu. Com “Minho” descubro o prazer de montar a cavalo.

Lá em cima, nos planaltos santacatarinenses, já perto da fronteira com o Rio Grande do Sul, a terra

não é tão plana assim. Ondula suavemente por campos de vegetação baixa até encontrar a vertigem de escarpas cravadas de verde. Lá em cima há uma ligeira neblina e nós estamos acima dela. Parece que chegamos ao início de tudo, ao começo dos tempos. Lá em cima olhamos para grandeza desta paisagem e sentimos que todos os adjectivos são ineficazes. Resta descer do cavalo comer uma maçã e contemplar. Foi o que fizemos.

Depois de quatro horas a cavalgar, o almoço de grelhados é servido numa sombra de mato ao som da água que cai ali perto numa cachoeira. Os mais cansados regressam de tracção às quatro rodas, os outros regressam de tracção às quatro patas.

### Nos arrozais de Arambaré

Das serranias de Santa Catarina descemos até às planícies de Arambaré, no Rio Grande do Sul, onde se estendem os campos de arroz alagados. A despedida do Rio do Rastro fez-se com música “repentista” e churrasco de fogo de chão no “galpão” (armazém), onde, segundo um letreiro pendurado no tecto, se “reúnem pescadores, caçadores e outros mentirosos”. A chegada à Fazenda Casa Grande, outra vez noite dentro, começou com um abraço de Paulo Sérgio, o nosso anfitrião rio-grandense, e com a música gaúcha dos Guapos do Pontão. Tinham saído já duas ou três milongas da voz e das violas afinadíssimas dos Guapos quando Magali, a mulher da casa, manda calar as cordas para apresentar um a um os pratos que se oferecem aos viajantes.

Só o acordar na Fazenda Casa Grande faz esquecer os quilómetros percorridos em terra-batida até lá chegar. É um acordar que fica gravado. Aos primeiros raios de luz, a sinfonia da natureza começa a dar o seu recital. Entre os pássaros, destaca-se o quero-quero a cantar mais alto. A espaços há uma vaca que muge, um cão que ladra.

Na estrebaria, Eduardo, devidamente “pilchado” (com trajas típicas), de camisa branca imaculada, dá os últimos apertos nos arreios, regula os estribos à medida de cada cavaleiro. É lá que estão “seu” Cláudio, o gaúcho discreto, e Luís Henrique, o gaúcho

descontraído, e “Paulinho”, o gaúcho intelectual. São eles que nos dizem para onde ir, que cavalo montar.

“Sarita” é uma crioula “mansa, bem mansinha”, não tão mansa quanto isso, mas ainda assim mansinha. Mal se sente em campo aberto “Sarita” quer correr. Quer chegar-se mais à frente, onde Eduardo, o gaúcho elegante, lidera o grupo de cachimbo na boca. É um mistério como é que este homem consegue fumar, gritar, falar e respirar sem nunca pegar no cachimbo ou descolá-lo dos lábios. Conosco vêm também meia dúzia de “vira-latas”. “Sansão”, o mais pequeno, não deixa o nome por patas alheias - é o mais activo de todos. Não passa um campo mais alagado sem que tente a sua sorte na

